



[artigos]

Corpo e envelhecimento na cultura brasileira

Body and ageing in Brazilian culture

[MIRIAN GOLDENBERG]

Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autora de *Toda mulher é meio Leila Diniz* (Record, 1995), *Nu e Vestido* (Record, 2002), *De perto ninguém é normal* (Record, 2004), *Infidel* (Record, 2006) e *O corpo como capital* (Estação das Letras e Cores, 2007).
Home-page: www.miriangoldenberg.com.br
E-mail: mirian@ifcs.ufrj.br

[resumo] Este artigo pretende refletir sobre o significado do envelhecimento feminino na sociedade brasileira, a partir da análise de entrevistas realizadas com mulheres brasileiras e alemãs. Em uma cultura em que o corpo é um importante capital, no mercado de casamento, no mercado sexual e no profissional, como as mulheres vivenciam o envelhecimento? Quais os principais medos das brasileiras ao envelhecerem? Qual o significado do envelhecimento em determinados segmentos sociais? São estas as principais questões discutidas aqui.

[palavras-chave]

corpo; gênero; capital; casamento; envelhecimento.

[abstract] *This article intends to ponder about how meaningful the woman ageing is within the Brazilian society by reviewing some interviews with Brazilian and German women. Considering a culture where the body itself means a significant asset in marriage, sexual, and professional markets, how are the women growing old? What are the key fears that the Brazilian women experiment when they are ageing? What does ageing mean in certain social segments? These are the main issues discussed here.*

[key words] *body; gender; capital; marriage; ageing.*

Neste artigo irei discutir uma idéia que venho desenvolvendo nos últimos anos: no Brasil, o corpo é um capital (GOLDENBERG, 2007). Determinado modelo de corpo, na cultura brasileira contemporânea, é uma riqueza, talvez a mais desejada pelos indivíduos das camadas médias urbanas e também das camadas mais pobres, que percebem seu corpo como um importante veículo de ascensão social. Neste sentido, além de um capital físico, o corpo é um capital simbólico, um capital econômico e um capital social. Pretendo, neste texto, mostrar a especificidade de uma cultura na qual o corpo é um componente fundamental da construção da identidade nacional. Meu argumento central é que, no Brasil, determinado modelo de corpo, que Pierre Bourdieu (1988) chamaria de um corpo distintivo, é um capital: um corpo jovem, magro, sexy e em boa forma, um corpo que distingue como superior aquele que o possui, um corpo conquistado por meio de muito investimento financeiro, trabalho e sacrifício.

A partir desta idéia, pretendo refletir sobre o significado do envelhecimento feminino na sociedade brasileira. Em uma cultura em que o corpo é um importante capital, no mercado de casamento, no mercado sexual e no profissional, como as mulheres vivenciam o envelhecimento? Quais os principais medos das brasileiras ao envelhecerem? Qual o significado do envelhecimento em determinados segmentos sociais?

Após uma viagem de cinco semanas pela Alemanha, onde ministrei, em diferentes universidades, oito palestras com o título "O corpo como capital na cultura brasileira", em junho e julho de 2007, iniciei uma pesquisa na cidade do Rio de Janeiro com mulheres na faixa dos 50 aos 60 anos, das camadas médias e altas. Realizei cinco grupos de discussão e também entrevistas em profundidade, assim como a aplicação de questionários com perguntas abertas.

Nos grupos de discussão, o que mais me chamou a atenção foram quatro tipos de idéias, extremamente recorrentes nos depoimentos das pesquisadas:

"falta", "invisibilidade", "aposentadoria" e "liberdade". Um exemplo do primeiro tipo de idéia, a de "falta", é o seguinte:

Sei que é o maior clichê, mas é a mais pura verdade: falta homem no mercado. Todas as minhas amigas na faixa dos 50 estão sozinhas. Eu queria um namorado, um companheiro. Sinto falta. Meu ex-marido, três meses depois da separação, já estava com uma namorada 20 anos mais nova. Que maluco vai querer uma velha decrépita, ou até mesmo uma coroa enxuta, se pode ter uma jovem durinha com tudo no lugar?

Outro tipo de discurso é o de "invisibilidade", como mostra o depoimento:

Eu sempre fui uma mulher muito paquerada, acostumada a levar cantada na rua. Quando fiz 50, parece que me tornei invisível. Ninguém mais diz nada, nem um elogio. É a coisa que mais me dá a sensação de ter me tornado uma velha. Hoje, me chamam de senhora, de tia, me tratam como alguém que não tem mais sensualidade, que não desperta mais desejo. Na verdade, não acho nem que me tratam como velha, simplesmente me ignoram, me tornei invisível.

Algumas pesquisadas se excluem do mercado afetivo-sexual em função de não corresponderem mais a um determinado modelo de corpo: jovem, magro, sexy. É interessante notar que, apesar de ainda serem assediadas, são elas que se excluem do mercado, especialmente do sexual. Elas usam a idéia de "aposentadoria" em seus depoimentos.

A última vez que eu transei eu devia ter 50 anos. É uma escolha minha porque eu ainda tenho uma platéia. Eu sei que têm homens que me querem, ainda dou um "bom caldo", segundo eles. Eu é que não quero. Me aposentei neste setor. Algumas vezes eu sinto tesão, sabe? Não precisa me

consolar, não. Eu só estou falando que existem mulheres de 50, problemáticas, com corpo despencado, aí junta com hormônio, e gente fica broxinha, uma verdadeira aposentada.

Estes três tipos de discurso, que classifiquei como "falta", "invisibilidade" e "aposentadoria" do mercado afetivo-sexual, estiveram muito presentes nos grupos de discussão. Eles podem ser vistos como uma postura de vitimização das mulheres nesta faixa etária, que apontam, predominantemente, as perdas, os medos e as dificuldades associadas ao envelhecimento.

A idéia de "febre vitimária", de Gilles Lipovetsky (2000), pode ser interessante para pensar os discursos femininos. Para o autor, a cultura vitimária constrói o homem como lúbrico, cínico e violento, e a mulher é apresentada como um ser inocente, bom, desprovido de agressividade. Tem-se, portanto, a vitimização imaginária do feminino e a satanização do masculino. A cultura vitimária, segundo o autor, veicula a imagem de uma mulher infantil e impotente. As mulheres oferecem, assim, a imagem de si como seres incapazes de se defender – e de se responsabilizar pelos seus desejos – aspirando mais a serem protegidas do que a controlar elas próprias seu destino.

Por outro lado, apareceu também, com muita ênfase, nos grupos de discussão, a idéia de "liberdade", assim como as idéias de mudanças positivas, conquistas, descobertas, amadurecimento, serenidade, tolerância, sabedoria, aceitação e cuidado maior de si mesma.

Para mim terminou o tesão. Não tenho vontade, não me faz a mínima falta, nem para me masturbar. Tem outras felicidades, outras coisas gostosas na vida, um bom papo... Eu tive quatro companheiros com quem vivi. E todos complicados, difíceis. Estou me sentindo muito feliz de estar sozinha, ter um tempo pra mim, curtir as coisas que eu quero, na minha hora. Eu vivia em função do outro. Outro dia me olhei no espelho e me achei muito bonita. Estava em casa, sozinha, com uma calça de malha preta, uma camiseta Hering preta, sozinha, toda bonitinha, combinando. Fui casada

a vida inteira, meu marido chegava em casa e eu estava com a pior roupa do mundo: calcinha enorme de uma cor, sutiã de outra, roupas feias e velhas. E mal-humorada, de cara fechada, emburrada, reclamava, pois ele chegava tarde porque gostava de tomar um chopinho com os amigos. Sem um sorriso, um carinho, uma palavra doce. Cheguei à triste conclusão de que o casamento nos torna pessoas piores. O casamento é um tipo de prisão invisível: parece confortável, mas vai te destruindo aos poucos, deixando só o lado desagradável. Pena que eu só descobri a liberdade aos 50. Poderia ter sido antes.

Comparando o discurso das mulheres pesquisadas com o de algumas que entrevistei na Alemanha, da mesma idade e também das camadas médias, pude perceber algumas semelhanças e diferenças interessantes para serem analisadas.

Em primeiro lugar, a ênfase na decadência do corpo e na falta de homem é uma característica do discurso das brasileiras. A idéia de falta, de invisibilidade e de aposentadoria só apareceu no discurso das brasileiras. As alemãs enfatizaram a riqueza do momento que estão vivendo, em termos profissionais, intelectuais e culturais. Consideram os cinquenta um momento de grande realização e possibilidades, valorizam o trabalho, a saúde e a qualidade de vida que conquistaram. Acham uma "falta de dignidade" uma mulher querer parecer mais jovem ou se preocupar em "ser sexy", uma imaturidade e infantilidade incompatível com a maturidade esperada para uma mulher nesta faixa etária. O corpo, para elas, não é tão importante, a aparência jovem não é valorizada e, sim, a realização profissional, a saúde e a qualidade de vida. Algumas me disseram que não compreendiam por que a mulher brasileira gosta de receber elogios e cantadas na rua. Uma me disse, enfaticamente:

Você mesma é que deve se sentir atraente. Você não precisa de ninguém para dizer se é atraente ou não. É muito infantil esta postura. Eu sei avaliar se sou atraente ou não. É só me olhar no espelho. É uma falta de dignidade ser tão de-

pendente dos homens.

Outra me disse que a personalidade é muito mais importante no jogo da sedução do que o corpo. Elas disseram que o que importa é a individualidade, a inteligência e a conversa. Uma das afirmações que ouvi recorrentemente das alemãs foi: "eu sou uma mulher emancipada", não só economicamente, mas, principalmente, psicologicamente.

Em minha observação comparativa destes dois universos, as alemãs me pareceram muito mais confortáveis com o seu envelhecimento do que as brasileiras. Observei mulheres que pareciam muito poderosas na Alemanha, objetivamente (em suas profissões e relações conjugais), mas, também, subjetivamente. No Brasil, tenho observado um abismo enorme entre o poder objetivo das mulheres pesquisadas, o poder real que elas conquistaram em diferentes domínios (sucesso, dinheiro, prestígio, reconhecimento e, até mesmo, a boa forma física) e a miséria subjetiva que aparece em seus discursos (gordura, flacidez, decadência do corpo, insônia, doença, medo, solidão, rejeição, abandono, vazio, falta, invisibilidade e aposentadoria). Analisando a aparência das alemãs e das brasileiras, as últimas parecem muito mais jovens e em boa forma do que as primeiras, mas se sentem subjetivamente muito mais velhas e desvalorizadas do que elas. A discrepância entre a realidade objetiva e os sentimentos subjetivos das brasileiras me fez perceber que aqui o envelhecimento é um problema muito maior, o que pode explicar o enorme sacrifício que muitas fazem para parecer mais jovens, por meio do corpo, da roupa e do comportamento. Elas constroem seus discursos enfatizando as faltas que sentem, e não suas conquistas objetivas (GOLDENBERG, 2006).

O conceito de desmapeamento, de Sérvulo Figueira (1987), pode ser útil para pensar as contradições do grupo pesquisado. Para o autor, as mudanças sociais são rápidas e visíveis, não sendo acompanhadas no mesmo ritmo e intensidade pelas subjetividades individuais, que incorporam ideais modernos sem eliminar os arcaicos que permanecem invisíveis dentro dos sujeitos. Esse descompasso entre aspectos visíveis e invisíveis leva à

coexistência de mapas, ideais e normas contraditórios, o que muitas vezes é insuportável. A convivência do ideal arcaico, que permanece poderoso e ativo em um plano mais inconsciente, com um ideal moderno, no plano mais consciente, gera o desmapeamento. Neste caso, o abismo entre o poder objetivo das pesquisadas e a miséria subjetiva expressa em seus discursos pode ser fruto deste desmapeamento.

No entanto, a frase "hoje eu posso ser eu mesma pela primeira vez na minha vida" foi repetida por muitas mulheres que percebem o envelhecimento como uma redescoberta, altamente valorizada, de um "eu" que estava encoberto ou subjugado pelas obrigações sociais, especialmente no investimento feito no papel de esposa e de mãe. As idéias de reencontrar-se, reinventar-se, redescobrir-se apareceram muito nos grupos, sempre associadas ao fato de fazer, hoje, aquilo que mais gosta: estudar, ler, conversar com as amigas, sair sozinha, ter tempo para si mesma, viajar ou, até mesmo, encontrar um novo prazer com o marido assumindo mais os próprios desejos, e não buscando agradá-lo.

É interessante observar que tanto no discurso de vitimização quanto no de libertação, dois foram os eixos centrais das pesquisadas: o corpo e a relação conjugal, mais especialmente o(s) casamento(s) de cada uma delas. O corpo foi tanto objeto de extremo sofrimento (em função de suas doenças ou decadência) ou de extremo prazer (em função da maior aceitação e cuidado com ele). Os parceiros amorosos foram, também, objeto de extrema dor (alcoolismo, machismo, violência, autoritarismo, egoísmo, abandono, rejeição, faltas) ou de extremo prazer (companheirismo, prazer sexual, cumplicidade). Em uma cultura, como a brasileira, em que o corpo é um importante capital, o envelhecimento pode ser vivenciado como um momento de grandes perdas (de capital). Em uma cultura, como a alemã, em que os capitais mais valorizados são outros, como o profissional, o científico e o cultural, o envelhecimento pode ser vivido como um momento de ganhos. Assim, meu problema de pesquisa atual é compreender o significado da experiência do envelhecimento feminino nestas duas

culturas, em termos objetivos e subjetivos.

Uma das primeiras constatações é que a emancipação da mulher alemã, no universo pesquisado, é bastante evidente. As mulheres que estou pesquisando são da geração pós-guerra e pós-movimento feminista. São mulheres que trabalham, independentes economicamente, algumas não têm filhos, escolha tão legítima na Alemanha quanto daquelas que têm filhos. São casadas com homens de idade semelhante à delas, são divorciadas ou solteiras. As brasileiras que pesquisei trabalham ou são aposentadas. Todas são ou foram casadas, todas têm filhos, todas já cumpriram (ou ainda cumprem) o papel de esposa e mãe. Os cinquenta, para algumas das brasileiras pesquisadas, é um momento de libertação do papel de esposa e mãe para "ser eu mesma pela primeira vez", frase recorrente nos discursos delas. Enquanto emancipação foi a palavra recorrente das alemãs (nenhuma me disse "sou uma mulher livre", elas dizem "eu sou uma mulher emancipada"), liberdade foi o que as brasileiras disseram. Há ainda uma outra diferença, a emancipação das alemãs foi uma conquista de toda a vida, desde jovens. A liberdade das brasileiras parece ser uma conquista tardia, vem após elas cumprirem os papéis obrigatórios de esposa e mãe. Mesmo as que são casadas, sentem-se mais livres após os cinquenta para "serem elas mesmas". Algumas redescobrem prazeres e vocações deixadas de lado em função do casamento e da maternidade, retomados após os filhos estarem mais velhos.

No entanto, também encontrei semelhanças nos discursos das alemãs e das brasileiras. Ambas afirmam que as mulheres são mais fortes, maduras e interessantes do que os homens. Em seus depoimentos, os homens aparecem como mais frágeis, dependentes, imaturos e menos interessantes do que elas. Algumas brasileiras dizem que seus maridos ligam vinte vezes por dia para o celular, que eles ficam deprimidos quando elas viajam, ou que precisam delas o tempo todo. Os depoimentos enfatizam que "ele precisa muito de mim",

"ele não sabe ficar sozinho", "ele precisa de mim para cuidar dele" ou, ainda, "homem não sabe viver sozinho, quando separa ou fica viúvo, casa em dois minutos com uma mulher bem mais nova. Nós somos muito mais exigentes, nós sabemos viver sozinhas".

Já algumas alemãs reclamaram de seus maridos que queriam mais sexo do que elas, enquanto elas privilegiam o companheirismo e a amizade. Ouvi de três alemãs o seguinte comentário:

Entendo perfeitamente porque uma mulher se torna lésbica. As mulheres são muito mais interessantes do que os homens, muito mais maduras, muito mais amigas.

Percebi uma extrema valorização das mulheres e uma construção de um modelo de mulher poderosa e independente em contraste com um homem fraco, dependente e imaturo.

Diferentemente das alemãs, as brasileiras centram o seu discurso na figura masculina, seja na falta de homem, seja na sua presença. As que se mostraram mais satisfeitas com a vida que têm, entre as brasileiras pesquisadas, são aquelas casadas há muitos anos. Mesmo estas disseram que os homens são mais frágeis, dependentes, acomodados, ingênuos, inseguros e infantis. O interessante é que, em quase todos os casos, o marido é o principal provedor familiar, tendo uma renda muito superior à da esposa.

Ao analisar os depoimentos femininos, é possível constatar que, além do corpo ser um capital importantíssimo no Brasil, o marido também é um capital, talvez até mais importante do que o corpo nesta faixa etária. Um marido e um casamento sólido e satisfatório foram os temas mais valorizados pelas pesquisadas em seus depoimentos. A sua presença é motivo de grande satisfação. A sua ausência é motivo de infindáveis queixas e lamúrias. Em um dos grupos realizados, uma mulher magra, bonita e com a aparência muito jovem disse que sentia inveja de uma outra pesquisada, por ela ter um casamento de 30 anos. O deta-

lhe é que a segunda era gorda e com uma aparência muito mais velha do que a primeira. A magra disse:

Eu tive e tenho muitos namorados, mas não consigo ter um companheiro, um marido. Senti inveja quando você falou do seu relacionamento de 30 anos, eu nunca consegui ter isso, não sei por quê.

Utilizo, então, as idéias de Pierre Bourdieu para inventar um novo tipo de capital, que não teria peso nenhum para as mulheres alemãs, mas que parece ser extremamente importante para as brasileiras. Um capital que chamo de "capital marital". Ter um marido é um verdadeiro capital para a mulher brasileira. Por outro lado, as pesquisadas também parecem poderosas por, além de terem um marido, sentirem-se mais fortes, independentes e interessantes do que eles (mesmo que eles ganhem muito mais do que elas e sejam mais bem-sucedidos na profissão). Portanto, em um mercado em que os maridos são escassos, principalmente na faixa etária pesquisada (GOLDENBERG, 2006), as brasileiras casadas sentem-se duplamente poderosas: por terem um produto raro e extremamente valorizado no mercado e por se sentirem superiores e imprescindíveis para seus maridos.

As alemãs me pareceram muito

mais individualizadas e independentes da figura masculina. Elas enfatizaram muito em seus discursos a realização profissional, o respeito e o reconhecimento que conquistaram no mundo do trabalho. Ouvi, durante muitas horas, relatos sobre as disputas que venceram em suas profissões. Já as brasileiras falaram a maior parte do tempo sobre o homem, seja pela presença dele em suas vidas, altamente valorizada e necessária para a sua satisfação, seja para reclamar de sua falta. Um dos fatos que mais chamou minha atenção foi que as brasileiras falaram pouquíssimo de seus filhos e, menos ainda, de suas atividades profissionais. É interessante destacar que, nos grupos que pesquisei, o fato de viajarem, conversarem com as amigas, saírem sozinhas ou descobrirem uma nova atividade (um curso de filosofia, um curso de pintura ou um grupo religioso) apareceu com muito mais destaque do que os filhos e o trabalho. Poucos foram os momentos em que falaram de seus pais ou mães e mais raros ainda os que falaram de seus netos, apesar de algumas serem avós.

Concluo com Simone de Beauvoir que, em *O segundo sexo* (1980), diz que a mulher deve recusar os limites de sua situação e procurar abrir para si os caminhos do futuro; a resignação não passa de uma demissão e de uma fuga; não há, para a mulher, outra saída senão a de trabalhar pela sua libertação.

[61]

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. *La distinción*. Madri: Taurus, 1988.

FIGUEIRA, Sérvulo. *Uma nova família?* Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

GOLDENBERG, Mirian. *Infidel – notas de uma antropóloga*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GOLDENBERG, Mirian. *O corpo como capital*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.